ACTA RADIOLÓGICA PORTUGUESA
Janeiro-Abril 2022 | Vol 34 nº1 | 3



EDITORIAL - Os Serviços que nos Formam

Durante as fases habitualmente destinadas à aprendizagem somos mais suscetíveis às influências externas, o que tem inevitáveis implicações no que nos tornamos.
O que aprendemos na infância e na adolescência tem uma importância fulcral no que fazemos na idade adulta. Sendo esta uma verdade incontornável e óbvia, convém relembrar que também nos molda o futuro o ambiente que nos rodeia, quem nos transmite a sabedoria e os valores que nos são incutidos. Cada um de nós encontra nas suas memórias alguém que teve uma influência particular, alguém que não se limitou apenas à transmissão dos conhecimentos supostos. Alguém que, pelo seu exemplo, se tornou um modelo e que tornou mais fácil as decisões binárias a tomar.
Em particular, na longa formação médica há várias etapas que nos influenciam e que condicionam as seguintes. Certamente que a escolha da nossa especialidade foi influenciada pelo contacto que tivemos com a mesma durante o curso ou durante a formação geral. Um professor que conseguiu tornar mais atrativa a leitura das radiografias do tórax, ou o fascínio despertado pelos diagnósticos efetuados durante uma tarde passada no Serviço de Radiologia, ou, ainda, um tratamento realizado de forma minimamente invasiva que não se esqueceu.
Chegados à fase final de aprendizagem, do internato da especialidade, os cinco anos de formação são de extrema importância para sabermos que radiologistas vamos ter no futuro. Independentemente das reformulações dos conteúdos que se aguardam, com as subespecializações incluídas que certamente irão aprofundar conhecimentos e aumentar a informação a apreender, não convém esquecer os Serviços que dão as respetivas formações. Serviços que acumularam sabedoria e conhecimento graças a um corpo clínico próprio.
O conhecimento acumulado pelos médicos que compõem um Serviço é uma mais-valia de muito maior importância do que a modernidade das suas instalações e dos equipamentos disponíveis. É claro que para existir uma formação capaz e atualizada são necessários aparelhos que possibilitem realizar as técnicas "com o estado da arte", mas é imprescindível manter os corpos clínicos, as referências, as pessoas que transmitem os conhecimentos.
Tão ou mais importantes do que os conhecimentos transmitidos são as pessoas que os veiculam.
Escrevo este editorial um dia após da morte do Dr. Américo Ponces, médico radiologista que coordenou o sector da então TAC (ainda axial) do Serviço de Imagem Médica dos Hospitais da Universidade de Coimbra. Durante as infindáveis aquisições sequenciais dos exames toraco-abdomino-pélvicos ensinou-me a mim e a muitos dos que passaram na altura por Coimbra a interpretar as imagens axiais de Tomografia Computorizada, da patologia da cabeça e pescoço, do tórax, do abdómen, do aparelho músculo-esquelético. As bases para uma aprendizagem mais sub-especializada foram todas superiormente transmitidas. Contudo absorvi muito mais que isso, transmitiu, sem o dizer, informação que se relevou de igual ou superior importância para a minha formação. Ouvia qualquer um que lhe vinha solicitar mais um exame e acreditava na triagem feita pela experiência dos que já muito tinham visto. Aprendi a apreciar uma boa conversa mesmo que esta atrase a leitura das imagens. Deu-me dicas de como interpretar o que me rodeava e não só as imagens que provinham da TAC. Em resumo, tornou mais humana esta aprendizagem técnica científica, com ganhos claros para a aprendizagem global.
De Norte a Sul, todos os radiologistas certamente recordam os seus Serviços formadores pelo grupo de médicos que o compunham. Com maior dificuldade lembrar-se-ão dos equipamentos disponíveis na altura. E com maior dificuldade ainda recordar-se-ão do nome da patologia rara que tiveram de apresentar nas reuniões de formação.
Certamente que as publicações científicas refletem a atividade de um Serviço mas o que o define e o que o caracteriza mais profundamente é o seu corpo clínico. A aprendizagem está diretamente relacionada com o interesse e empenho de cada um, com as oportunidades que surgem, com a leitura dos conteúdos cada vez mais específicos, com a realização cada vez mais aprimorada das técnicas, mas não nos podemos esquecer quem nos ensina e como nos ensina.
Para estimular locais de formação de qualidade é necessário que os Serviços de Radiologia se mantenham estruturados. É importante dotar os Serviços de argumentos para capitalizarem conhecimento, isto é, capacidade de cativar os recém-especialistas que tenham demonstrado aptidões científicas e de trabalho durante o internato mas que também tenham vontade de ajudar o próximo e ensinar com o mesmo espirito de equipa dos que os antecederam. Dessa forma será mais fácil promover a excelência na formação, essencial para melhor servimos todos os doentes.
Nesta cadeia de transmissão de saber é fundamental que haja quem esteja disponível e no lugar certo para ensinar, sendo imprescindível e desejável a renovação dos quadros clínicos mas mantendo o espírito, "a alma" do local de formação.

Paulo Donato

CC BY NC